

Como são lançadas as bases do fantasma?

Freud conta-nos que, a partir da análise de um sonho seu em que a sua ambição de ser um grande homem e de ser nomeado professor aparece de novo, ele se lembra que, na sua infância, uma velha camponesa profetizou à sua mãe que ele seria um grande homem.

Também daí, recorda que, quando era criança, estava numa cervejaria com os pais e havia um poeta que, por algumas moedas, improvisava versos. O pai de Freud mandou-o chamá-lo, e esse homem improvisou alguns versos em que previa que o pequeno Freud seria um grande ministro.

Freud lembra-se bem da impressão que estas palavras lhe causaram. Alguns dias antes do acontecimento, o pai tinha trazido para casa retratos dos novos ministros, muitos dos quais eram judeus.

Freud lembra-se que sempre teve a intenção de estudar Direito, mas poucos dias antes do prazo de inscrição, mudou para Medicina. E agora descobre a razão da sua inexplicável

decisão de estudar Direito e o seu desejo de ser um grande homem e de ser nomeado professor.

Como funcionam as bases do fantasma fundamental? Esta impressão viva provocada pela profecia do poeta, precedida pela adivinhação da velha cartomante, ambas do lado de uma certa magia “inexorável”, provoca na criança uma impressão viva que é “enterrada” nesse momento por falta de recursos simbólicos. Algo não é compreendido, uma certa perplexidade, uma impressão crua, algo é interrompido como um filme que pára. Poderíamos dizer que as bases do fantasma são gestadas à maneira de um pequeno traumatismo, por vezes não tão pequeno.

Freud constata que há representações que estabelecem uma ligação firme de sentido e não admitem outras representações. Em Lacan podemos situar isso no que ele propõe como enxame, significantes “unitários” que não entram em conexão com outros significantes. Um conjunto de S1 que beira o real.

Assim, estas impressões infantis “selam” um fundamento do fantasma. Selam no sentido de que algo está selado, isolado, e opera na sombra determinando - em Freud - essa inexplicável decisão de estudar direito

Os fundamentos do fantasma funcionam como memória do gozo e, ao mesmo tempo, como axiomas que dão ao sujeito um “ser”: ele será um grande homem. O salto no final da análise é um salto que lança o sujeito precisamente na falta de ser. Freud também encontra esse fantasma insistindo em outros sonhos, nos quais aparece, por exemplo, seu desejo de depor o ministro e tomar seu lugar, e aos quais ele atribui como origem essas duas profecias que o impressionaram na infância. No final, o desejo de Freud prevalece, ele conseguiu tornar-se um grande homem, mas pondo em jogo o seu desejo pelo inconsciente.

Desviar-se teria sido estudar direito para se tornar um grande ministro.

O fantasma fundamental é portador de desejo e de desvio. Porque é o “realmente” recalcado, não pode ser articulado “por agora” com outros significantes, não é o inconsciente estruturado como uma linguagem porque são unitários, não são estruturados.

A compulsão à associação, que parasita o sujeito nos sonhos, nos sintomas e na vida como um todo, é, por sua vez, determinada por uma

compulsão a não associar o efeito daquilo que não pode ser articulado. É isso que funciona como compulsão à repetição, o que “não cessa de não se escrever”.

O sujeito está sob o domínio de uma razão desorientada, de certos significantes mestres transformados à maneira de elaboração onírica, que funcionam como axiomas e dão um carácter sem sentido a essa razão. O sujeito é obrigado a repetir perpetuamente essa falta de sentido. O fantasma fundamental - na sua expressão - é um erro, o une bevue do inconsciente. A loucura do homem normal é uma tentativa de encontrar uma maneira de dizer o que não pode ser dito, um campo de batalha entre a compulsão de associar e a compulsão de não associar.

Lacan, em “Momento de conclusão”, diz: “Passa-se o tempo a sonhar, e não sonhamos apenas quando dormimos. O inconsciente é exatamente essa hipótese: que não sonhamos apenas quando dormimos”.

Ele quer dizer que o inconsciente está presente o tempo todo, há algo de onírico na vida de vigília, algo nos sonha, o passado vive intensamente também no devaneio da vida de vigília.

Os velhos vestígios da infância despertam para tentar reescrever a história, para recordar o que não foi, esse sonho interrompido.

Na vida de vigília, o fantasma - que se estende ao pré-consciente - permite-nos uma vida sensível, um modo de gozo sempre igual, um modo de ser, sob o domínio do processo secundário.

O processo primário é, de certa forma, dominado na vida de vigília, mas por vezes irrompe em lapsos ou actos falhados, por exemplo, irrompe nestas emergências fugazes. Mas há uma outra temporalidade do inconsciente presente na vida de vigília: a temporalidade do sintoma, que já não tem essa fugacidade e afecta toda a vida. O sintoma - a formação do inconsciente - é também para Freud o efeito do que ele chama: transformações secundárias dolorosas.

Como propõe Lacan, o processo secundário é o efeito de ter havido um processo primário. O processo secundário - como ouvi Héctor López dizer - é censor e escravo, é parasitado por aquilo que tem de dominar.

Nos sonhos, pelo contrário, reina o processo primário. O processo secundário é “derrubado”. As condições do sono, o relaxamento da censura, permitem esta outra forma de associação, relativamente mais livre. O processo primário é senhor e mestre no sonho. O sonhador cai na psicose inocente do sonho, da qual pode mais tarde acordar.

Freud diz com Schopenhauer: “o sono é uma curta loucura e a loucura um longo sonho”. O psicótico não pode acordar deste funcionamento primário. Há sonhos breves que se limitam a uma imagem fugaz que exprime uma ideia, produto “apenas” da elaboração do sonho. Por outras palavras, sonhos fugazes, nos quais intervém apenas o processo primário.

Mas há outros sonhos em que o processo secundário desempenha um papel importante, e que são pensados com as mesmas características do pensamento acordado durante o próprio sonho.

Um paciente relata um sonho: “De repente sonhei que tinha uma confusão no meu guarda-roupa. Foi um sonho longo, passei a noite inteira a arrumá-lo, lembrei-me que as raquetes de ténis estavam em cima, as meias nas gavetas, etc.

Associando, dirá que os seus amigos utilizam a frase “tens um guarda-roupa desarrumado” para exprimir: és louco. Depois “confessará” que sempre teve medo de ser louco, devido a certas fantasias que tem com uma prima vários anos mais velho, que o criou.

A primeira imagem do sonho, o guarda-roupa desordenado, pertence à elaboração real do sonho. Exprime em imagens um pensamento que é rejeitado. Tem a temporalidade fugaz do processo primário. A segunda parte do sonho, a arrumação do guarda-roupa, pertence ao processo secundário e desenvolve-se ao longo do tempo; é responsável por se pensar que se sonhou a noite inteira. O processo secundário tende sempre a “arrumar o guarda-roupa”.

Volto a insistir no sonho da injeção de Irma, onde se pode ver muito claramente a grande oscilação entre as produções do processo primário e as intervenções do processo secundário. As imagens alucinatórias que aparecem no sonho são “pensadas” pelo sonhador, e esta alternância desenrola-se ao longo deste longo sonho.

Tal como na vida de vigília o processo primário irrompe, também durante o sono o processo secundário irrompe.

Em resumo: há em todo o sonho uma parte pensante e há em todo o pensamento uma parte sonhadora.

Enquanto dormimos, pensamos; nos sonhos, o “eu” não está completamente desligado, como o demonstram as experiências hipnóticas em que o sujeito pára num certo limite, ou o aparecimento do pensamento: não passa de um sonho.

Nos sonhos e na vida de vigília, há uma alternância. Por vezes, o processo primário irrompe e, noutras, o processo secundário domina, e é o fantasma que comanda estas operações, o que pode ser associado e o que não pode, porque o fantasma nunca dorme. Não é que o sujeito tenha um fantasma, mas o fantasma tem o sujeito, tem-no enredado nesse tecido onde duas legalidades diferentes que tendem a “derrubar-se” uma à outra tendem a não se articular. Os sonhos também iluminam o que acontece na interpretação. No sonho do guarda-roupa desordenado, o paciente “pensa” por um instante fugaz a ideia “eu sou louco”, sendo essa expressão em imagens - o guarda-roupa desordenado - o produto do processo primário. Nesse relâmpago que ocorre na análise, as duas formas de expressão coincidem

O sujeito consegue um breve despertar, “pensar acordado” com o processo primário.

É um sonho em transferência, para o analista, diz algo que não pode ser dito.

A interpretação - esse modo de pensamento inédito até Freud - é a única coisa que opera para realizar uma análise, o inconsciente não é alcançado através da conversa, é necessária essa transposição, que tem a estrutura de um breve sonho. Pensar com o processo primário parece ser a inércia que move o sonho, a psicose e até a interpretação.

A estrutura do sonho também é encontrada na transferência.

Já Freud nos diz que, através da transferência, o sujeito “vive-o de novo” na situação analítica.

De certa forma, convidamos o analisando a sonhar. A associação livre, o divã, o modo de escuta, apontam para um pensamento onírico.

O fantasma, a partir de seus fundamentos, esses significantes mestres responsáveis por essa “razão perdida”, comanda a vida do sujeito tanto na vida de vigília quanto no sonho, por isso um

A análise só tem realmente lugar se chegar ao fim, à limpeza desses estranhos atractores.

A análise é um extenso caminho de encadeamento e desencadeamento até chegar a essas partículas elementares que comandam a deriva e que, ao serem atingidas, produzem uma espécie de fissão, uma reação em cadeia que opera realmente sobre o fantasma e o gozo. Mas isto é conseguido à maneira de um breve sonho. É o efeito do poder da transferência, que finalmente conseguiu estabelecer uma ponte para que o sonho que não podia ser sonhado possa ser articulado.

Mas em cada interpretação, quando o inconsciente pulsa, estes relâmpagos situam-se de forma diferente. As interpretações têm calibre diferente em relação ao inconsciente. A maior parte delas são ideias conhecidas, pré-conscientes, que foram arrastadas para o inconsciente estruturado como uma linguagem. Só em alguns momentos felizes conseguimos ligar aquilo que funciona como real.

Mas nem sempre é possível sustentar uma análise até essas consequências. Não é fácil chegar àquilo a que Freud chama “a parte mais apertada de um tecido reticular, de onde nasce o desejo”.

Há aqueles que não estão dispostos a aceitar a inconsistência do Outro e pretendem sustentá-la indefinidamente na figura do analista. Há também momentos em que “isso” não se precipita.

Sandor Marai, em seu romance “O último encontro”, diz que: As grandes questões que a vida nos coloca são respondidas, no final, com toda a vida, são respondidas com toda a vida.

É uma frase bonita, mas há algumas perguntas a que seria melhor responder a tempo.

Por vezes, recebemos doentes, dos quais podemos dizer que consultaram demasiado tarde.

No caminho da vida, houve um certo desvio.

Um certo desvio no caminho do desejo, que deixa certos sonhos interrompidos, certas saudades perdidas.

As fundações do fantasma são, de certo modo, um sonho interrompido. Tal como os restos diurnos que vão dar forma ao sonho, é um encontro rejeitado, rejeitado e enterrado por um laço mais ou menos próximo do inconsciente. Mas, ao contrário dos restos diurnos, será efetivamente recalcado, não será articulado.

Pensar na estrutura dos sonhos ilustra a maneira como o fantasma fundamental, a transferência, a interpretação, o que acontece na psicose, nada menos.

A interpretação dos sonhos é a Via Regia para tentar responder a tempo às grandes questões que a vida nos coloca, porque a narrativa do sonho tem poucos recursos para encobrir, não há elementos interpolados. O sonho surpreende o eu que o relata ingenuamente. Tudo o que aparece não está lá por si só, cada elemento remete para uma série de pensamentos “abafados”. Saber distinguir na narrativa do sonho o que pertence ao que Freud chama: a elaboração real do sonho, do que é pensamento secundário, orienta o analista em relação ao real em jogo.

O sonho é a arte inevitável de cada um, trabalhando com fragmentos que se quebram e se soldam como icebergs à deriva. É uma deriva comandada por um desejo, que habita para além das fronteiras da razão, para além do decoro do Outro.

“A Interpretação dos Sonhos” é a obra mais elogiada de Freud, a sua obra fundamental. Trinta anos após a sua publicação, ele diz que ela permanece inalterada, que uma tal intuição só pode ocorrer uma vez na vida de um homem, e diz

também que quando hesita sobre a sua conceção do inconsciente, volta a ela como a prova mais convincente. Lacan não foi tão longe a ponto de se interrogar demasiado sobre a regressão alucinatória, talvez seja nossa tarefa evitar a “letargia” e tentar progredir na estrutura dos sonhos, sobre os quais subsistem ainda algumas interrogações.

rgoldberg@sion.com